



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

TEDMA DE FARIAS SILVA

**ESCOLA E FAMÍLIA COMO AGENTES SOCIALIZADORES – UMA
EXPERIÊNCIA NA EEEFM CARLOTA BARREIRA - AREIA/PB**

Campina Grande-PB

2021

TEDMA DE FARIAS SILVA

**ESCOLA E FAMÍLIA COMO AGENTES SOCIALIZADORES – UMA
EXPERIÊNCIA NA EEEFM CARLOTA BARREIRA - AREIA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Sociologia.

Orientador: Raniere Ferreira Torres

Campina Grande-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Tedma de Farias.

Escola e família como agentes socializadores – uma experiência na EEEFM Carlota Barreira - Areia/PB [manuscrito] / Tedma de Farias Silva. - 2021.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Raniere Torres Ferreira ,
COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."

1. Educação. 2. Agente socializador. 3. Interação família/escola. I. Título

21. ed. CDD 301

TEDMA DE FARIAS SILVA

**ESCOLA E FAMÍLIA COMO AGENTES SOCIALIZADORES – UMA
EXPERIÊNCIA NA EEEFM CARLOTA BARREIRA - AREIA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Sociologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em
Sociologia.

Área de concentração: Ciências sociais.

Aprovada em: 07/10/2021.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Raniere Ferreira Torres (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco de Assis Batista
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr. Silvânia Karla de Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Se a educação não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	O QUE É FAMÍLIA?	7
2.1	A família no século XXI	9
2.2	O que é escola?	10
2.3	A relação família - escola	12
2.4	A escola como um meio de reprodução da desigualdade	13
3	O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO AFETO	15
4	OS MUROS DA ESCOLA E A PRISÃO	17
4.1	A reprodução do patriarcalismo na rede rural	19
4.2	Família e modernidade Líquida	20
5	CONCLUSÃO	20
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICE A	
	APÊNDICE B	
	APÊNDICE C	

**ESCOLA E FAMÍLIA COMO AGENTES SOCIALIZADORES – UMA
EXPERIÊNCIA NA EEEFM CARLOTA BARREIRA - AREIA/PB**

***SCHOOL AND FAMILY AS SOCIALIZING AGENTS – AN EXPERIENCE AT
EEEFM CARLOTA BARREIRA – AREIA/PB***

Tedma Farias da Silva*
Raniere Ferreira Torres**

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo identificar os motivos pelos quais a família mantém a ausência na participação da vida escolar do estudante em uma escola na cidade de Areia, analisando como a instituição primária família pode ajudar na formação do indivíduo conjunto com a escola e percebendo como se dá a interação da família no interior da escola através dos relacionamentos dentro da mesma. Para o embasamento teórico, foram utilizados Bourdieu (2010), que discute a desigualdade social no ambiente escolar, e Freire (1970), que discorre sobre o afeto como uma forma de diálogo e entre outros. No âmbito metodológico, esta pesquisa se trata de um estudo participante, no qual foi utilizada a metodologia qualitativa por meio da etnografia, que se preocupa com a compreensão, além de realizar entrevistas através de formulários on-line com estudantes da Escola Carlota Barreira, no município de Areia, na Paraíba. A partir das entrevistas, compreendemos alguns dos motivos que levam os pais a se distanciarem da escola, tendo em vista que a participação dos pais na escola, em hipótese, é vista apenas quando estes são chamados, uma vez que pensam que o Ensino Médio dispensa a sua participação devido aos estudantes possuírem certa maturidade. Entende-se, dessa forma, que a falta de interesse é decisiva no processo da presença dos pais. Ao observar a relação família-escola, pudemos compreender culturalmente o fato de os alunos/as buscarem seu lugar social independente da educação familiar recebida. Também se pôde refletir categoricamente os motivos do não comparecimento dos pais que residem na zona rural na interação com a escola.

Palavras-chaves: Educação. Escola agente socializador. Interação família/escola.

ABSTRACT

This work aims to identify the reasons why the family maintains the absence of participation in the student's school life in a school in the city of Areia, analyzing how the primary family institution can help in the formation of the individual together with the school and realizing how gives the family interaction within the school through the relationships within the same. For the theoretical basis, the discussions of Bourdieu (2010), who address social inequality in the school environment, and Freire (1970), who discuss affection as a form of dialogue, were

* Graduanda em Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: tedmaf@gmail.com

** Mestre em Economia Rural pela UEPB. Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ferreiratorres161@gmail.com

used as centrality. In the methodological scope, this research is a participant study, in which a qualitative methodology was used through ethnography, which is concerned with understanding, in addition to conducting interviews through online forms with students from the Carlota Barreira School, in the municipality of Areia, in Paraíba. From the interviews, we understand some of the reasons that lead parents to distance themselves from school, considering that the participation of parents in school, in hypothesis, is seen only when they are called since they think that high school does not require their participation due to the students having a certain maturity. Thus, it is understood that the lack of interest is decisive in the process of the parent's presence. By observing the family-school relationship, we were able to culturally understand the fact that students seek their social place regardless of the family education received. It was also possible to categorically reflect the reasons for the non-attendance of parents who live in rural areas in the interaction with the school.

Keywords: Education. School socializing agent. Interaction family/school.

1 INTRODUÇÃO

Através da residência pedagógica na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, na cidade de Areia, Paraíba, foi possível socializar com funcionários, professores e criar vínculos com os/as alunos/as. Logo, a partir dessa experiência, questioneime sobre problemas que surgiram dentro do ambiente escolar, e refleti sobre como seria importante se os pais fossem mais presentes na vida escolar dos filhos.

A metodologia usada na pesquisa é qualitativa, etnográfica e participante, pois inicialmente, na residência pedagógica, houve o período no qual observamos o ambiente escolar dentro e fora da sala de aula. Depois, atuando também como docente, entrevistas em formato de questionários foram realizadas, contudo, devido ao momento de pandemia que estamos vivendo, não foi possível se deslocar até a escola, então, por meio dos questionários com questões abertas, foram construídas entrevistas com cinco alunos, cinco pais e cinco professores a fim de compreender vários motivos da ausência dos pais na vida escolar dos filhos no Ensino Médio.

Através desse panorama, inicialmente, será destacado o conceito de família. Posteriormente, citaremos os elementos que contribuem para o afastamento dos pais em relação à escola, além de podermos citar também a forma diferente em que a família está construída. O locus de nossa pesquisa é a escola já citada, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, localizada na cidade de Areia, estado da Paraíba, que é uma escola regular, antiga, religiosa, fundada pelo Padre Rui¹. A cidade é localizada no agreste da Paraíba e possui 117 engenhos, sendo conhecida por isso. Com estes elementos à tona, falaremos primordialmente sobre a relação família-escola.

Nesse contexto, também vale ressaltar a realidade da escola no que diz respeito à eliminação de jovens desfavorecidos/as pelos mecanismos da organização da escola, como os da Zona Rural. Isto porque apresentam características culturais representadas pelo ethos da comunidade que fazem parte, mostrando que a pragmática da zona rural como elemento cultural

¹ Padre Ruy Barreira Vieira nasceu na cidade de Jaguaribe, estado do Ceará, no dia 24 de Julho de 1921. Filho de Hilário Vieira de Sousa e de Carlota Barreira. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira tem esse nome em homenagem à mãe do Padre. Em Areia, ele foi professor do Colégio Santa Rita, do Ginásio Coelho Lisboa, depois Colégio Estadual José Américo de Almeida e da Escola de Agronomia do Nordeste. O Padre faleceu em 08 de abril 2008, em João Pessoa. A pedido dele em vida, Ruy Barreira foi sepultado na Igreja Matriz de Areia.

não se difere da urbana, a não ser pelos valores, e assim dissipar o estigma através da educação participativa na região escolar (BOURDIEU, 2010, p. 41).

Seguindo, também falaremos sobre a importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem. Melo e Silva (2019), sobre isso, abordam sobre a afetividade, que acontece através de simples elogios, no ato de ouvir o aluno e de dar a devida importância ao indivíduo. Desde quando o indivíduo nasce, a família é símbolo de afetividade; depois, quando o indivíduo vai para a escola, conseqüentemente ele vai buscar o afeto no professor que é responsável pela socialização do indivíduo com o ambiente.

Também trataremos sobre o padrão estabelecido de um indivíduo dentro do meio escolar, onde a ideia é que só estejam pessoas com a finalidade de estudar, sendo que não deve ser assim, uma vez que a escola precisa estar em harmonia com a comunidade. Dessa forma, é necessária a troca de saberes. Os muros da escola trazem um significado de um lugar privado apenas para um tipo de público, como é contextualizado por Foucault (1999):

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de anti vadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 1999, p.123).

Falaremos também sobre a reprodução do patriarcalismo na rede rural, onde muitos pais ainda reproduzem na vida dos seus filhos a ideia de que este precisa cuidar da agricultura e as meninas cuidarem da casa e, conseqüentemente, os estudos ficam em segundo plano. Por fim, faremos uma discussão sobre a liquidez nomeada pelo sociólogo Zigmunt Bauman nas relações familiares do século XXI.

Ao realizar as entrevistas, encontrei os motivos que levam os pais a se distanciarem da vida escolar dos seus filhos. Dentre elas, destacam-se que os pais não se sentem capacitados para a tarefa de educar os seus filhos. Para Silveira (2009), o afastamento ocorre principalmente por esse motivo, seja por terem um baixo nível de instrução, por acreditarem que os professores são os profissionais mais habilitados para tal ou por considerarem o saber da escola inquestionável.

A falta de interesse e de políticas públicas para incluir esses pais são fatores para destacar-se. Além disso, a desigualdade social também é um fator decisivo, já que a escola tem reproduzido esse problema pensando apenas num padrão estabelecido de estudante, e também a forma como a família está construída também influencia nessa ausência dos pais.

2 O QUE É FAMÍLIA?

Para Morgan (1884), a família caracterizada como monogâmica tinha o papel de procriar e a paternidade era algo indiscutível, uma vez que os filhos, na condição de herdeiros diretos, iriam entrar na posse dos bens de seu pai.

A ideia de família, no início, foi baseada na ideia do poder, em que só era considerado família onde estivesse um homem que era detentor do poder e uma mulher submissa ao seu

cônjuge, o que acabou permanecendo até hoje nas relações familiares. Como afirma Engels (1984),

A expressão “família” foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sob todos eles. O primeiro efeito do poder exclusivo dos homens no interior da família, já entre os povos civilizados, é o patriarcado, uma forma de família que assinala a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia. (ENGELS, 1984, p.86)

Por outro lado, o casamento não é construído mais para durar; é comum a separação dos cônjuges por diversos motivos, dentre eles traições. Logo, a ideia de os pais relacionarem-se com outra pessoa depois de divorciados, principalmente se estes se envolverem em relacionamentos não monogâmicos, poderá acarretar problemas na vida dos filhos, como a não presença dos pais na vida educacional dos mesmos, além de afetar tanto financeiramente, como psicologicamente, e contribuir ainda para o mau desempenho escolar dos filhos. Para Engels,

relações extraconjugais- existentes junto com a monogamia- dos homens com mulheres não casadas, relações que, como se sabe, florescem sob as mais variadas formas durante todo o período da civilização, e se transformam cada vez mais, em aberta prostituição. O adultério proibido e punido rigorosamente, mas irreprimível, chegou a ser uma instituição social inevitável, junto á monogamia e ao heterismo. (ENGELS,1984 p.71)

A correria do dia a dia tem deixado as relações mais líquidas, pois pelo fato de os pais trabalharem o dia todo, não sobra tempo para o diálogo com a família, o que fica difícil para entender o que está acontecendo nas relações mútuas entre pais e filhos. Muitas vezes, a realidade passa a ser maquiada, por não saberem o que acontece com o outro em suas interações. De acordo com Carlos (2000, p. 21), “A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço. Se em outros tempos bastava um olhar severo para corrigir o comportamento, hoje se vive na era do “por que””.

Para Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), o homem nasce bom, a sociedade o corrompe. No entanto, para ele, o homem primitivo não tinha ambição, muito menos competitividade, diferentemente da sociedade do século XXI, que está sempre correndo em função da sociedade capitalista, na ideia de ser o melhor em tudo, o que acaba muitas vezes no esquecimento das relações familiares, como se a mesma não fosse uma obrigação. Dessa forma, o afeto vai perdendo a essência.

Quando se fala na ideia de família, é importante destacar que a mesma não necessita ser perfeita, porém uma família presente é aquela que, apesar dos diversos problemas, oferece o amor e aparece na educação dos seus filhos, como sendo peça fundamental na formação do indivíduo, dando a eles o suporte necessário. Um lar cheio de violência irá perpetuar negativamente a educação dos seus filhos. Assim como apresenta Carlos (2001),

Não é exemplo de família aquele em que o filho é testemunha involuntária dos desentendimentos entre os pais; ou aquele em que os pais, frustrados com a própria infância e adolescência, projetam na prole toda a energia negativa, agressiva e cruel. Não é exemplo de família aquele em que o pai chega embriagado, em que a mãe foge da responsabilidade. Em que os filhos têm horror a estar à mesa para a refeição conjunta. Não é exemplo na família o ódio, a violência, a tolerância apática. (CARLOS, 2001, p.20.)

Contudo, a ideia de família historicamente era baseada na ideia do “para sempre”. Não importava o que acontecesse, a mulher teria que ficar com seu cônjuge; ela era submissa e tinha

que obedecer. Com isso, essa ideia só serviu para reforçar a repressão sexual, que também era aprovada pela Igreja Católica. Assim, todo esse assunto acabou desenvolvendo grandes problemas à instituição família. No século XXI, essas questões ainda são reproduzidas e permanecem fossilizadas na vida das pessoas na sociedade. Para Chauí apud Jussara (2011),

A crença na família enquanto eterna, natural, universal e necessária teria lhe aparelhado para “justificar, reforçar, reproduzir a repressão sexual”, enquanto que os vícios sexuais {aqueles comportamentos frente à sexualidade reprovados pela igreja e pela medicina foram considerados capazes de destruir, corromper, perverter, e essa envenenar, desviar e depravar essa instituição tão essencial à humanidade. (CHAUI, 1991 apud JUSSARA, 2011, p.58)

2.1 A família do século XXI.

O modelo de família do século XXI sofreu diversas transformações. Não se trata apenas de uma única ideia de família, ela está diferente, não é mais bilateral, mas se constitui por pessoas do mesmo sexo ou até por uma pessoa, podendo ter filhos ou não, ou até ser formada por uma tia, tio, avós. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira não é diferente. Muitos alunos só possuem a figura da mãe ou apenas a figura do pai, e, conseqüentemente, esse indivíduo fica sobrecarregado para cumprir essas duas funções. Logo, sabe-se o quão difícil é cumprir esse dever. Porém, apesar das mudanças, a ideia de família mudou, contudo sempre existirá a formação de uma família. Entretanto, a mesma ainda é uma instituição que é símbolo de afetividade. Engels (1984), sobre isso, afirma que

A família é o elemento ativo; nunca; permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, pelo contrário, são passivos; só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente. (ENGELS, 1984, p. 30).

Nesse contexto, há a questão da emancipação feminina. Muitas mães trabalham e passam o dia fora para sustentar a família; a mulher hoje ocupa diversos setores de empregabilidade, podendo ser professora, médica, advogada, engenheira, faxineira etc. Por conseguinte, a própria conquistou direitos, sendo assim, aumentou sua responsabilidade, pois, diferentemente do seu cônjuge, ela tem que levar os filhos à escola, ir às reuniões de pais, visto que poucos pais se fazem presentes na escola. Muitas vezes, por machismo, o homem pensa que esse lugar é somente da sua esposa, entretanto, é obrigação dos dois.

A família do século XXI não se baseia na ideia de que o casamento seja para durar, pois a mesma está mais preocupada em construir uma relação que esteja contribuindo para ambos na mesma intensidade, pois quando não há essa finalidade, o casamento acaba. Entretanto, no Ensino Médio da Escola Carlota Barreira, pode-se perceber que devido a essa desconstrução do seio familiar, o assunto da falta de tempo dos pais e o distanciamento dos cônjuges torna superficiais as relações entre pais e filhos. Todavia, essas relações são ativadas na vida estudantil desses indivíduos, dessa forma, a vivência familiar vai ser reproduzida negativamente na escola, afetando os alunos em seu rendimento estudantil. Assim como afirma Giddens apud Bauman (1991:2004)

O atual "relacionamento puro", na descrição de Giddens, não é, como o casamento um dia foi, uma "condição natural" cuja durabilidade possa ser tomada como algo

garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos ao bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento no futuro, caso ela venha a ser dissolvida. (GIDDENS, 2004, apud BAUMAN, 1991, p. 80)

Dessa maneira, nota-se que as relações afetivas tendem a ser conduzidas para a liquidez, ou seja, mais que fragilidade nas relações familiares. É sobre a dificuldade em firmar laços. A liquidez está baseada nos modos de pensar, de agir e de sentir, porque estamos inseridos em uma sociedade líquida e as pessoas provavelmente vão reproduzir essa liquidez nas suas relações familiares, pois as mesmas tornaram-se objetos de consumo para a satisfação dos indivíduos, e, quando essa satisfação chega ao fim, o casamento acaba. Sendo assim, os mais prejudicados são os filhos, que irão conviver em um meio onde não há o apoio familiar e a presença dos pais, sendo os mesmos unidos ao convívio em sociedade, responsáveis pela formação identitária dos filhos. Dessa maneira, o impacto da fragilização desses laços afetivos debruça-se na vida estudantil dos jovens, que precisarão não só manter sua vida escolar, mas também, manterem-se financeiramente. Assim como afirma Engels (1984),

Tal era a situação com que se encontrou a produção capitalista quando, a partir da era dos descobrimentos geográficos, se pôs a conquistar o domínio do mundo através do comércio universal e da indústria manufatureira. É de se supor que este modo de matrimônio lhe conviesse excepcionalmente, e isso era realmente verdade. E, entretanto - a ironia da história do mundo é insondável - seria precisamente o capitalismo que abriria nesse modo de matrimônio a brecha decisiva. Ao transformar todas as coisas em mercadorias, a produção capitalista destruiu todas as antigas relações tradicionais e substituiu os costumes herdados e os direitos históricos pela compra e venda, pelo "livre" contrato. (ENGELS, 1984, p. 24)

Sendo assim, as relações familiares estão cada vez mais fracas, e não perduram por muito tempo. Entretanto, a propriedade privada no capitalismo contribuiu para que essas relações se tornassem frágeis, dessa forma, tudo se tornou em compra e venda, afetando o ambiente familiar.

2.2 O que é a escola?

Areia, município do estado da Paraíba, é conhecida como a cidade dos engenhos, pois os possui em grande quantidade: 117. Foi a segunda cidade do Brasil a abolir a escravatura, antes mesmo da Lei Áurea ser assinada pela princesa Isabel. Possui uma paisagem natural e fica localizada no Agreste do brejo paraibano e foi fundada pelo Padre Rui.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira está localizada na cidade de Areia, e é o nosso lócus de pesquisa. A respeito do quadro de funcionários da escola, há o vigia, professores, diretora, merendeira, dois auxiliares de serviços gerais e um chefe de disciplina. A localização da mesma fica em uma curva perigosa, o que torna difícil a travessia para o outro lado da rua. Ao lado dela, há uma escola particular. Há dois portões na escola, um deles fica localizado na frente do colégio e o outro dá acesso ao pátio. A escola oferece Ensino Fundamental e Ensino Médio, havendo repartição estrutural na escola entre os dois níveis de ensino). As refeições são distribuídas no pátio da escola, pois no refeitório não é possível que todos se acomodem, uma vez que faltam mesas. Os banheiros dos estudantes ficam localizados nas escadas da divisa entre as turmas, com capacidade para apenas uma pessoa. Na sala dos

professores há dois banheiros, um feminino e outro masculino, que são de uso dos funcionários, diretora e professores. A rua que dá acesso à instituição é asfaltada, e o ônibus passa logo em frente. Dentro da escola o espaço é plano, porém, para chegar às salas da 2ª série do Ensino Médio, é preciso descer alguns batentes, os corredores são estreitos. Portanto, a Escola Carlota Barreira é uma escola regular que não teve condições de se adequar ao novo modelo educacional da Paraíba, que é a Escola Cidadã Integral. A escola possui quadra de esportes e há apenas um datashow na mesma, o que torna difícil o uso do mesmo para todos os professores.

Nesse contexto, é importante saber que durante muitos anos, a imagem que se tinha da escola era de que o aluno excelente era aquele que permanecia calado; isso implicava em um bom comportamento, porém, a criticidade e a troca de saberes não existiam na escola. Nesse cenário, não só o aluno, mas também a escola, permanecem silenciados, não entendem e não conhecem a realidade daquele aluno que talvez a casa dele possa até ser distante da escola, mas isso não quer dizer que a mesma não busque compreender as dificuldades daquele indivíduo, porque a mesma criou um certo distanciamento daquela comunidade, tem inclusive medo, receio, pois muitas das escolas de rede pública são da periferia. Sobre esse silêncio, Celso (2014) afirma que

Falo do silêncio. Mas não do silêncio da boca, apenas. É preciso compreender o silêncio de uma forma mais ampla para entender o que quero expressar com este pequeno ensaio. Falo do silêncio da boca do aluno que nunca aprendeu a falar. Daquele aluno que chega às minhas mãos aqui na universidade e ainda não é hábil para apresentar um trabalho à frente de sua turma nem mediocrementemente! – só porque nunca aprendeu a falar! Falo do silêncio da pena daquele aluno que nunca aprendeu a escrever. (CELSO, 2014, p.11)

O lugar da escola é considerado pela sociedade como um espaço de excelência, onde deve cumprir-se o processo de ensino aprendizagem. A escola surge a partir da luta de classes, e não surgiu do acaso, foi pensada por ideias de uma determinada classe, em função das organizações de produção.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem próprios homens sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce pronto do trabalho, isso significa que o homem não nasce pronto, mas tem que tornar-se homem. Ele forma – se. Ele forma – se. Ele não nasce sabendo produzir – se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI, 2007, p. 154)

No entanto, o educador não deve ter resistência ao aceitar os saberes dos alunos, muito pelo contrário: ele deve parar para ouvir e trazer os exemplos da realidade do aluno para ministrar as aulas, assim, o aluno aprenderá muito melhor com exemplos da realidade no qual ele/ela está inserida.

Segundo Silva (2012), é necessário repensar o trabalho docente do professor que lida com estudantes do espaço rural, sempre se questionando como sujeitos da história e pensando na formação e na metodologia específica, levando em consideração as especificidades dos indivíduos.

O espaço da escola hoje na sociedade contribui para a exclusão, pois a organização da mesma privilegia grupos e pessoas. Nesse cenário, a escola continua reproduzindo o individualismo e a competição. Vale ressaltar que a escola fica limitada, pois o sistema dominante não permite que a mesma se inove nas práticas pedagógicas.

2.3 A relação família – escola.

O grupo familiar desempenha um papel preponderante nessa socialização primária. Ora, toda família ocupa uma posição no espaço social: os esquemas de percepção e de ações transmitidos dependem dessa posição no espaço social. Receber uma educação é, em regra geral, receber uma educação ligada a uma posição de classe; é adquirir disposições para reproduzir espontaneamente, em e por seus pensamentos, suas palavras, suas ações, as relações existentes no momento da aprendizagem.

A função da escola é escolarizar. Se a família não cumpre aquilo que precisa cumprir, a escola não vai dar conta. A família perdeu a autoridade e, quando se fala sobre autoridade, não é sobre autoritarismo e sim responsabilidade; os pais estão perguntando para os filhos o que eles querem, sendo que a última palavra deveria ser deles.

Por outro lado, a família se justifica dizendo que acompanha o seu filho nas atividades escolares, alegando as dificuldades encontradas, pois não conhecem os assuntos que os professores passam e assim não se envolvem nas atividades dos filhos.

Para Silveira (2009), o afastamento ocorre principalmente porque os pais não se sentem capacitados para a tarefa de educar os filhos, seja por terem um baixo nível de instrução, por acreditarem que os professores são os profissionais mais habilitados para tal ou por considerarem o saber da escola inquestionável.

Por outro lado, a escola não está preparada para aceitar os pais como educadores, pois a mesma desclassifica as experiências dos seus alunos.

A escola é um espaço onde acaba sendo a segunda casa dos alunos, já que eles passam uma boa parte de suas vidas, o que torna indispensável a presença dos pais, no entanto, a mesma possui uma ampla estrutura, e poderiam ser desenvolvidas outras atividades além das reuniões de pais, que de alguma forma pudessem aproximar os pais a escola, tanto para os pais da área rural como urbana, visto que há diferentes valores tanto no rural como no urbano. Exemplificando, na figura 1, exposta adiante, é notório o espaço do pátio da escola que a direção, em conjunto com os docentes, poderia pensar em políticas públicas para desenvolver na escola, a fim de aproximar a comunidade para ter esse envolvimento direto dos pais em conjunto com a escola.

Da mesma forma, o conjunto de características da carreira escolar, as seções ou os estabelecimentos são indícios da influência direta do meio familiar, que eles traduzem na lógica propriamente escolar.

No entanto, vale ressaltar a importância da troca de conhecimentos entre a escola e a família. Na entrevista, um dos pais ressaltou essa importância que tem por finalidade entender a realidade na qual aquele aluno está inserido e assim contribuir com o estudante e a família, pois ambos andam juntos. Segue a fala de um dos pais entrevistados:

É fundamental a escola conhecer a família, não só o aluno, a escola conhecendo o histórico familiar, tem maior possibilidade de lidar com o aluno e assim o ajudar no seu aprendizado e desenvolvimento.

Pai de estudante da Escola Carlota Barreira, 2021.

Figura 1. Escola Estadual Carlota Barreira, Areia, PB.



Fonte: Tedma de Farias Silva, 2018/2019

2.4 A escola como um meio de reprodução de desigualdade.

A escola não deveria se resumir a quadros, pincéis, carteiras, funcionários e estudantes, mas ser transformadora, libertadora, realizadora de sonhos, porém a mesma funciona baseada apenas na classe dominante. A escola tem uma forte influência na perpetuação das desigualdades.

Figura 2: Sala de aula da Escola Estadual Carlota Barreira, Areia, PB.



Fonte: arquivo da autora, 2018/2019

Bourdieu chama de *capital cultural* instrumentos científicos, obras de artes, livros, que os estudantes da classe dominante têm acesso e que irá determinar o ótimo sucesso escolar,

diferentemente do capital cultural da periferia, pois poucos estudantes têm acesso, e outros sequer conhecem esses atributos. O autor (2007) afirma que

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar” ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano”. (BOURDIEU, 2007, p.73)

A escola pública tem se reinventado; apesar das privações e das necessidades, esta tenta ampliar o conhecimento. A Escola Carlota Barreira não é tão ampla e não está pronta para receber o novo modelo de educação proposto pela Secretaria de Educação da Paraíba, que é a Escola Cidadã Integral, uma vez que falta estrutura e verbas, então a demanda de alunos acaba indo para outra escola. Sendo assim, entende-se os desafios apontados à escola.

Gramsci criticava a escola profissionalizante, pois, para ele, a mesma obedecia a lógica do capital, no entanto, a escola modelo do século XXI obedece ao sistema capitalista, baseando-se nele e, como consequência desse modelo, aumenta-se a desigualdade entre classes e busca-se intensificar uma educação pensada na elite dominante que irá governar.

Para Bourdieu (2010), a realidade da escola, no que diz respeito à eliminação de jovens desfavorecidos pelos mecanismos da organização escolar ocorre porque esses sujeitos apresentam características culturais representadas pelo ethos da comunidade da qual fazem parte. Com isso, percebe-se que há um estigma para com a zona rural, sendo que o rural é diferente do urbano apenas nos valores. Por isso, é importante observar essas questões culturais, atentando-se para o estigma estabelecido. Bourdieu (1930) vai chamar de habitus um

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizado de um maestro” (BOURDIEU, 2004, p. 15).

O habitus deveria orientar a ação, mas quando ele é produto das relações sociais, ele tende a reproduzir as relações.

Na zona rural, os professores precisam rever a sua forma de falar, pois os alunos não entendem os significados de muitas palavras, até porque a linguagem dos pais não alfabetizados reflete na forma de falar dos seus filhos. O aluno começa faltando, a professora pergunta como ele está, depois passa uma semana, não há mais notícias do indivíduo, ele desistiu por algum motivo, então a escola não procura saber o porquê desse indivíduo ter desistido, uma vez que muitas vezes não há diálogo com a comunidade. Se a escola fosse aberta a isso, seria mais fácil resolver essas questões. Sobre isso, Sônia (1994)

Na verdade, a escola tem sido concluída apenas por uma minoria. A maioria, de baixa renda não consegue terminá-la. Na verdade, a escola tem funcionado como uma instituição confirmadora da distribuição de renda e de classe social: +aos de maior renda, maior número de anos de estudo e de cursos concluídos; aos de baixa renda, a evasão e a repetência somam-se ao trabalho precoce, delineando um quadro já antigo; uns para pensar, outros para trabalhar. (SÔNIA, 1994, p.85).

Para Patto (1987 apud SÔNIA, 1994, p.108), o professor trabalha muito, fica responsável por diversas turmas, dessa forma não há tempo para refletir sobre o seu trabalho, ficando assim alienado a ponto de não problematizar o seu ambiente de trabalho. No entanto, irá refletir na vida escolar tanto dele como dos seus alunos na tomada de decisões, conseqüentemente ele acaba generalizando a vida educacional. Por fim, o profissional anula-se, tornando o ensino um ritual, onde todos os dias ele repete a mesma didática, utilizando-se do quadro, colocando palavras e assim sucessivamente, todos os dias, a cada semestre, tornando a escola apenas um lugar de reprodução.

Na entrevista realizada com os professores, foi perguntado sobre a desigualdade social dentro da escola. Os profissionais reforçaram que isso faz parte no dia a dia dentro da instituição, e ainda frisou que o professor precisa estar sensível e buscar compreender o estudante para que ele não reproduza essa desigualdade, mas que possa desconstruí-la dentro do ambiente escolar.

Com certeza a desigualdade social chega à escola. Percebemos isso no dia a dia na escola. Nas relações estabelecidas entre os alunos, no nível de interesse e participação. E nesse sentido, o professor tem que ter muito cuidado, para saber lidar com essa questão, para que todos possam aprender.

Entrevista com Professor

Portanto, o professor precisa estar atento ao cotidiano escolar a fim de que não reproduza a desigualdade social nas suas atitudes em sala de aula e até fora dela, visto que muitas vezes passa despercebido no cotidiano sem se dar conta de que foi reproduzido nas relações.

3 O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO AFETO

Segundo Freire (1970), o amor é também uma forma de diálogo. O amor não acontece com dominação, é algo inteiramente dos sujeitos; é um ato de coragem, sem medo, é através do compromisso. O autor (1970) afirma que

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros "isto", em quem não reconheço outros eu? (FREIRE, 1970, p.80).

Quando se pensa em educação, é interessante destacar que o aprendizado está ligado ao afeto, pois é através da afetividade que ocorre a troca de saberes entre o professor e o aluno.

O aluno é um ser individual, pensante, que constrói o seu mundo, espaço e o conhecimento com sua afetividade, imaginação e sentidos. O ato de ensinar e aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor. Tal cumplicidade se constrói nas intervenções, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado. (MELO e SILVA, 2019, p.3)

Melo e Silva (2019) apresentam que a afetividade acontece através de um simples elogio, ouvir o aluno, dar a devida importância ao indivíduo. Desde quando o indivíduo nasce, a família

é símbolo de afetividade. Depois, quando o indivíduo vai para a escola, conseqüentemente ele busca o afeto no professor, que é responsável pela socialização do indivíduo com o ambiente.

A partir das entrevistas, quando perguntado sobre a importância do afeto no processo de ensino aprendizagem, os professores reforçaram a grande influência da afetividade, principalmente quando o professor passa a confiança ao aluno. Sobre isso, os entrevistados consideram a importância do afeto na construção da educação:

Acredito que o professor deve levar em consideração as contribuições socioemocionais. Tal postura pode levar o aluno a compreender a escola como um lugar em que se constrói conhecimento, desse modo, são muitos os ganhos, como exemplo simples, diminuem o receio de tirar dúvidas. As vezes o estudante leva a dúvida para casa por receio de perguntar/ de errar, além disso sabemos que em função da diversidade que é a escola, seu público e os lugares de fala, muitos impactos podem influenciar no ensino e aprendizagem, assim não é demonstrando indiferença que iremos passar confiança e respeito.”

(Professor entrevistado)

Sim, acredito que o afeto demonstrado em forma de confiança faz com que o alunado sintam-se mais à vontade e conseqüentemente mais "aberto" ao aprendizado.

(Professor entrevistado)

É através da ligação entre afetividade e relações sociais que acontece o trabalho pedagógico. Se o professor e o aluno não estiverem em concordância com o envolvimento emocional, não haverá aprendizagem.

Ainda na entrevista, foi perguntado aos estudantes sobre a importância do afeto e eles concordam e concluem que o afeto é motivador no processo de ensino aprendizagem.

Quando se tem o afeto em sala de aula você se sente mais motivado, e, até mesmo, mais à vontade para interagir e aprender.”

(Estudante entrevistado)

A educação na modernidade não pode de forma alguma deixar de lado a autoridade, pois ela é essencial. A mesma deve atentar para as transformações sociais e culturais. A ideia é que aconteça a aproximação da comunidade na escola, mas essa ideia deve partir da escola e dos professores. Piaget (1991), sobre essa relação, afirma que

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar, reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 1991, p.50).

A educação precisa ser libertadora. Para que aconteça o processo de aprendizado, o professor precisa contribuir para a orientação em busca do conhecimento. Além disso, o professor deve estimular os alunos ao senso crítico e à reflexão, a fim de que eles possam construir as suas próprias opiniões. Sendo assim, só é possível o processo de aprendizagem quando o indivíduo se sente bem no lugar onde é inserido.

Muitas vezes, os pais não se sentem acolhidos quando reclamam de algum problema na escola, e isso faz com que os pais não queiram estar presentes nesse espaço. No entanto, cabe à escola ouvir esses pais, até porque não existe escola perfeita. A mesma deve acolher as ideias dos pais e tentar melhorar o que precisa ser melhorado para que haja confiança e credibilidade nas relações de ambos.

Sendo assim, para que aconteça o processo de despertar o senso crítico, é interessante que o professor goste do seu trabalho. Ele precisa acreditar e, através do seu exemplo e de suas ações, provocar reflexões na vida dos seus alunos. O processo de ensino-aprendizagem acontece principalmente pela afetividade seguida da motivação, sem ela, portanto, o processo de aprendizagem torna-se difícil.

A família, por outro lado, quando ela é presente na vida escolar do indivíduo, passa a não conhecer o ambiente escolar e acarreta diversos problemas, dentre eles a falta de diálogo com o seu filho sobre a escola, como acontece o processo de educação, as dificuldades encontradas pelo indivíduo, e a família, por não ter conhecimento necessário, fica incapaz de ajudar o aluno e até colaborar com a escola:

O que observo bastante é que a maioria dos pais são mais proativos nas fases iniciais do estudante na escola, contudo o estudante do Ensino Médio fica a deriva, sem auxílio ou cobranças dos pais. Alguns pais consideram que os filhos são autossuficientes na tomada de decisão, o que é um erro. Acredito que o resultado da família enquanto parceira da escola faz uma enorme diferença tanto para escola quanto para o estudante, então o simples gesto dos pais se mostrarem interessados no desenvolvimento do filho, estes mudam o seu desempenho escola. Os pais também, na medida do possível, deveriam ler e estudar um pouco para orientar os filhos nas suas escolhas.”

(Entrevistado)

Na fala do professor, é perceptível o desinteresse dos pais na vida escolar desses indivíduos, acreditando que eles não necessitam de colaboração, contudo ele ainda esclarece a falta de conhecimentos dos pais a respeito dos conteúdos aplicados aos indivíduos.

A educação fundamenta-se no princípio da liberdade, sendo estes alunos livres, autônomos, no processo de investigação do conhecimento, no qual o professor estimula ao aluno pensar, criar, produzir e pesquisar. (Cordeiro e Araújo, 2019, p.5).

O professor deve priorizar a experiência do indivíduo a partir da realidade na qual o sujeito está inserido e também valorizar a experiência com os seus colegas de sala. Sobre isso, Silva e Borges (2012, p. 258) afirma que “Em boa medida, o trabalho docente repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus traumas, etc.”

4 OS MUROS DA ESCOLA E A PRISÃO

Normalmente, os muros das escolas são muros necessários, visto que os alunos precisam compreender que a escola é uma instituição de suma importância. Porém, também é necessário questionar-se sobre a existência dos muros ideológicos e presentes no agir e pensar dos adultos que rodeiam esses estudantes. Eles realmente são importantes? Certamente não, já que esses muros muitas vezes limitam esses jovens, os “prendem” e os mantêm dentro de uma realidade que poderia ser totalmente diferente, os impedindo de crescer.

As características físicas da escola são comparadas à prisão, em que a ideia é que só estejam pessoas com a finalidade de estudar, sendo que não deve ser assim, a escola precisa estar em harmonia com a comunidade; portanto, é necessária a troca de saberes. Então, esses muros trazem um significado de um lugar privado apenas para um tipo de público. Na escola, o espaço físico é pensado conforme os padrões: as cadeiras são colocadas no devido lugar, são medidos os méritos dos estudantes, classificando e modelando esses indivíduos. Além disso, são vigiadas também as atitudes dos alunos, os méritos são medidos pelas notas, impondo rótulos desnecessários no indivíduo. Para a escola, o aluno que for desinteressado é considerado

o problemático e não há solução para o mesmo. A mesma tem o controle das salas dos indivíduos para saber onde encontrar esses indivíduos.

A escola por muitos anos representou um lugar da elite; o conhecimento sempre foi pensado numa determinada classe dominante porque estudar exige tempo, dedicação e renúncia, porém, a classe pobre precisa de muito esforço para que se consiga atingir o desejável para os ideais da escola, visto que a classe da periferia precisa trabalhar muito cedo para se sustentar. Contudo, a educação é direito do indivíduo e ela não deve ser negada. De acordo com Foucault (1999, p. 123),

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de anti vadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1999, p.123)

Segundo Perrenoud (1999), é comum os professores avaliarem mais a pessoa do aluno do que sua aprendizagem. Cada professor cria sua hierarquia de excelência entre ele e seus alunos, dividindo a sala de aula em grupos de alunos favorecidos e desfavorecidos. A excelência julgada no dia-a-dia não é diferente da nota da prova. O aluno passa por uma avaliação formal que constitui os instrumentos de avaliação - provas, exercícios - e uma avaliação informal, que são as construções por parte do professor acerca dos juízos ou preconceitos sobre o aluno.

Sendo assim, o professor precisa analisar, discutir a realidade do estudante antes de tentar avaliar conforme os seus princípios, pois o aluno vai à escola com a finalidade de crescer enquanto um ser social. No entanto, a família também não deve ficar de fora dessa análise que a escola faz do seu filho. Um dos pais explicita isso em uma fala na entrevista quando perguntado sobre como a família pode ajudar a escola:

Estando sempre presente nas atividades curriculares e extracurriculares, se mostrando atuante na vida acadêmica do filho, incentivando sempre a busca do conhecimento, questionando quando não ocorre coisas que desagradam tanto professor quanto aluno, sempre procurar criar vínculos com o meio escolar para melhorar a vida do aluno, tanto acadêmica quanto na família.
(Responsável entrevistado)

Contudo, a escola precisa de alguma forma criar políticas públicas para agregar a família à escola, a fim de que haja essa finalidade de aprendizado e entendimento de ambas as partes.

Na Escola Estadual Carlota Barreira, há um controle em relação aos livros dentro da biblioteca; eles não ficam disponíveis para o aluno acessar a hora que eles quiserem. Tudo isso causa desmotivação no indivíduo que quer estudar. Há dois portões na escola e o vigia só mantém um deles aberto, pois, devido ao número de alunos, não deveria ser restrito, pois tudo isso faz com que os pais acreditem que esse espaço afaste eles, ou até faz com que eles não se interessem pelo ambiente escolar. No entanto, esses portões só reforçam a hierarquia, pois o vigia controla quem entra e quem sai da escola, e também o horário que os alunos devem sair. Outro fator importante sobre a escola é o fato de que dificilmente os pais aparecem na escola mesmo quando são chamados. Os filhos justificam falando que os pais não têm tempo.

A respeito da estrutura da escola, se comparada a uma Escola Cidadã Integral, a mesma está em declínio, pois não há sala de laboratório de ciências, nem sala de leitura, o que torna

difícil o aprendizado, pois poucos pais possuem o ensino superior, ou seja, poderá contribuir para escolha dos seus filhos no futuro.

4.1 A reprodução do patriarcalismo na rede rural.

A divisão do trabalho na família foi a base central que distribuiu a propriedade entre a mulher e o homem. No entanto, o trabalho doméstico continuou sendo o espaço dedicado à mulher, mas quando comparado ao trabalho do homem, o trabalho da mulher perde a importância, visto que o dele é um trabalho produtivo.

No entanto, muitos foram os problemas apresentados com a divisão do trabalho. O homem acabou se tornando uma mercadoria, pois a força de trabalho do indivíduo também se tornou objeto de troca e consumo. Nesse contexto, segundo Engels (1984), “A forma de família que corresponde à civilização e vence definitivamente com ela é a monogamia, a supremacia do homem sobre a mulher, e a família individual como unidade econômica da sociedade”.

Apesar das mudanças na zona rural, ainda há o machismo interiorizado em muitos homens que não deixam as suas esposas trabalharem. Muitas mulheres são donas de casa, cuidam de casa, e não consideram a escola um espaço abrangente para com a sociedade, reproduzindo assim também nos seus filhos. O machismo é exposto na vida das meninas na rede rural do município de Areia. É interessante destacar que a ideia que perpetua é que a menina deve cuidar a casa e o menino ajudar o pai na agricultura, então a escola fica em segundo plano, visto que o meio de subsistência é “mais importante”.

A realidade é que nunca houve políticas para atender as pessoas do rural; não há assistência do espaço educacional. O jovem e a sua família não são assistidos e acabam ficando esquecidos. O jovem do rural não tem opção, falta emprego e custeio para conseguir estudar, pois estudar vai muito mais além de ter um material didático. Um estudante que mora no rural precisa também de transporte gratuito e de qualidade para conseguir chegar à escola.

O patriarcado ainda é visível na agricultura familiar. Os homens são caracterizados pelos principais trabalhadores, os agricultores e os chefes de família, então o que resta para as mulheres é o trabalho doméstico. Todavia, por mais que a mulher queira trabalhar fora do trabalho doméstico, ela não tem direito.

Por conseguinte, o trabalho feminino não deixa de ser indispensável, porém, também é desvalorizado na sociedade patriarcal, que inferioriza as mulheres, todavia, tudo isso influencia a tomada de decisões dessas jovens que poderão se acomodar no espaço rural, acreditando não poder crescer no ambiente escolar.

Os modelos de conduta, o comportamento, a linguagem usada e tantas outras prescrições deveriam ser subjetividades para honrar a família, o que significava honrar o pai. Era o pai, como chefe de família, que recebia os benefícios da disciplinarização do corpo feminino. (JUSSARA, 2011, p.47).

Por outro lado, ao entrevistar os alunos, foi perguntado quais atividades são desenvolvidas para o aluno da rede rural, e eles falaram que não há nenhuma atividade que acolha tanto os pais como os alunos.

É importante destacar também que a fragilização dos laços contribui exacerbadamente para a evasão escolar, muito presente na Escola Carlota Barreira, onde os estudantes abdicavam da vida estudantil para dedicarem-se a outras coisas, como por exemplo, manter a casa, ou assumir o papel de mãe. Durante o período de regências na Escola, também foi perceptível o distanciamento de alunas devido à gravidez na adolescência, evidente aqui, mais uma vez, o quanto a falta de conhecimento, do apoio familiar e o patriarcalismo ainda perduram, e são presentes atualmente.

4.2. Família e modernidade líquida

A sociedade do século XXI está marcada pelo individualismo, devido ao avanço do capitalismo. As relações estão cada vez mais superficiais, logo, não é diferente na relação entre pais e filhos.

Para o sociólogo polonês Bauman, as relações não são mais construídas para durar, terminam rápido e se desfazem também muito rápido. No entanto, apesar de toda essa fluidez, ainda é possível encontrarmos relações que continuam resistindo à modernidade, relações essas que são inabaláveis. Todavia, são nítidas as transformações da vida moderna como a urbanização, o aumento da competitividade nas relações de trabalho, o distanciamento entre trabalhador e empresa e que trouxe desafios novos e que afetaram identidade da família.

Com o avanço da individualização, o lar perde muito da sua significação. Os pais ficam sobrecarregados nas suas jornadas de trabalho que ocupam muito tempo, então descarregam sobre as instituições sociais as tarefas que ficavam restritas à família, como a educação que ficará para as escolas e professores.

Os lares não são mais ilhas de intimidade em meio aos mares, em rápido resfriamento, da privacidade. Transformaram-se de compartilhados plays grounds do amor e da amizade em locais de escaramuças territoriais, e de canteiros de obras onde se constrói o convívio em conjuntos de bunkers fortificados. "Nós entramos em nossas casas separadas e fechamos a porta, e então entramos em nossos quartos separados e fechamos a porta. A casa torna-se um centro de lazer multiuso em que os membros da família podem viver, por assim dizer, separadamente lado a lado." (BAUMAN, 2004, p.60)

As relações de parentesco, para a maioria da população, permanecem importantes, especialmente no interior da família nuclear, mas já não são os veículos de laços sociais intensamente organizados através do tempo-espaço.

Ademais, na sociedade do século XXI quanto maior a sensação de liberdade dos laços sociais, maior também a insegurança. No entanto, essa modernidade líquida nada mais é que a privatização das funções da família. É importante destacar que, com os problemas conjugais, os pais se tornam ausentes na vida escolar dos filhos. Entretanto o éthos familiar está condicionado em todos os níveis à lógica do trabalho.

A família moderna se caracteriza por um número maior de membros, sem pessoas com autoridade, onde a finalidade não é se fortalecer enquanto instituição familiar, mas ter a satisfação momentânea dos seus desejos.

5 CONCLUSÃO

A base da sociedade é a família, e foi a partir dela que historicamente foram iniciadas as divisões do capital. Visto que o machismo existe há séculos e continua se perpetuando na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, por ser uma escola marcada pela religiosidade, a comunidade escolar tende a não querer mudanças, ou seja, continua mantendo tradições.

“A forma de família que corresponde a civilização e vence, definitivamente com ela é a monogamia, a supremacia do homem sobre a mulher, e a família individual como unidade econômica da sociedade.”

No entanto, é importante destacar que os pais não são presentes na vida escolar dos filhos por diversos motivos. Para Silveira (2009) o afastamento ocorre principalmente porque os pais não se sentem capacitados para a tarefa de educar os filhos, seja por terem um baixo nível de

instrução, por acreditarem que os professores são os profissionais mais habilitados para tal ou por considerarem o saber da escola inquestionável.

A falta de interesse também é um fator para destacar. A falta de políticas públicas para incluir esses pais e a desigualdade social também são fatores decisivos, já que a escola tem reproduzido a desigualdade social pensando apenas num padrão estabelecido de estudante. Vale salientar que a Escola Carlota Barreira é uma escola na qual muitos estudantes são do espaço rural e que é criado um estigma entre esses indivíduos, visto que há o preconceito internalizado, e ele acaba sendo externalizado nas práticas dentro da escola, sendo assim, o rural se difere do urbano apenas nos seus valores. Outro fator importante é também a forma como a família está construída, uma vez que também influencia essa ausência dos pais.

Por fim, destacamos que a escola e a família precisam andar juntas, para o crescimento de ambas, a escola não anda sozinha sem a comunidade, da mesma forma a família também não. A troca de saberes é indispensável e necessária, a fim de que a escola entenda a realidade do aluno.

Na Escola Estadual Carlota Barreira, durante um ano atuando como docente da escola, desenvolvi interações com os alunos, percebi a cobrança dos discentes com relação ao futuro nessa reta final que é o Ensino Médio, no entanto, considereei quão importante seria se os pais fossem mais presentes, pois a cobrança e a preocupação aumentam no Ensino Médio. Por assim dizer, é necessário entender como os pais podem contribuir para a sua presença na escola e também analisar como a instituição primária pode ajudar na formação do indivíduo em conjunto com a escola e perceber como se dá a interação da família no interior da escola através dos relacionamentos dentro da mesma. Logo, a escola precisa estar em concordância com a família e aproximar os pais desse espaço, desenvolver políticas públicas a fim de promover a interação entre a escola e a comunidade. É perceptível o espaço amplo que a mesma possui, no entanto, não há acolhimento por parte da escola para integrar esses pais, e é mantida uma distância em relação a isso.

Concluindo, historicamente, desde que a civilização se baseia na exploração de uma classe dominante sobre a classe pobre, e tendo como base a imposição de divisões, a classe pobre irá sofrer profundas transformações que refletem diretamente na vida do indivíduo, e a família é a principal. Os problemas principais incluem pessoas estressadas devido ao trabalho estressante e que ocupa um tempo imenso, dentro da esfera familiar a socialização quase não ocorre, mesmo os indivíduos morando na mesma casa, pouco se veem e conversam entre si, pois o cansaço e o estresse não permitem isso, gerando assim problemas que afetam diversas áreas do ambiente familiar, e tornando fracos os laços na instituição família.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 41-79.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Trad. Renato Ortiz. São Paulo, Ática, 1930.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ed. 2004.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001.
CORDEIRO e ARAÚJO. **Afetividade na relação professor - Aluno e sua influência no processo de aprendizagem**. Manaus, 2019, p.5).

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder 9. ed. Rio de Janeiro. 1984.

FERRAREZI, Jr. Celso. **Pedagogia do silenciamento**. 1. ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir nascimento da prisão**: 20. ed. Petrópolis, 1987, p. 288.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, 1967, p. 77-119.

FREITAG, Bárbara. **Sérgio e Aristarco em O ateneu: a formação dos indivíduos através da instituição**. São Paulo, Cortez, 2001.

ISABEL, M. M.; KLOECKNER, D.; **A escola unitária: Educação e trabalho em Gramsci**. Campinas. 2018.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **A educação e a escola – as relações entre saber e poder**. Sociologia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, DMO. Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o indivíduo e o sujeito [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, 286p. ISBN 978-85-232-1180-6. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

LIMA, M. R. A pedagogia histórico-crítica e a atualidade do trabalho como princípio educativo: apontamentos para a prática revolucionária na educação popular. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 67, p. 53–67, 2016. DOI: 10.20396/rho.v16i67.8646091. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646091> . Acesso em: 5 set. 2021.

PAULO. Maria de Assunção Lima de. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. Recife: O autor, 2010, UFPE.

SILVANA, Márcia. **O papel da escola: Obstáculos e desafios para uma educação transformadora**. Faced Programa (de Pós graduação em educação – Nível Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

SILVA, B. H.; BORGES, S. H.; **A Educação do Campo e a organização do trabalho pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2012.

APÊNDICE A – ENTREVISTA PARA OS PAIS:

- 1) Qual a importância da escola na vida da família?
- 2) Até que ponto a escola ajuda a família?
- 3) Como a família pode ajudar a escola?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS:

- 1) Em algum momento da sua vida escolar o afeto fez diferença no seu aprendizado?
- 2) Você teve dificuldade no seu processo de ensino aprendizagem? em qual momento?
- 3) Você sente falta de um maior acompanhamento dos seus pais na escola. Porque?
- 4) Durante a sua trajetória escolar em algum momento a escola lhe tratou com inferioridade? em qual momento?
- 5) Descreva o que mudou do seu ensino fundamental para o ensino médio?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES:

- 1) Há quanto tempo você atua na função de professor?

- 2) Já foi professor de alguma outra escola da rede urbana? Quais mudanças você pode apontar?

- 3) Com relação ao afeto, facilita o aprendizado?

- 4) É possível apresentar em que nível a desigualdade social a escola?

- 5) Como você vê a participação da família na escola? que melhoras podiam ser possíveis?

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. A graça dele me sustentou durante todo o meu percurso até aqui. Eu poderia viver sem esse diploma, porém, sem Ele na minha vida, nada disso teria sentido.

A meu pai, que investiu em mim, sonhou comigo, e me ajudou durante todo o curso, mesmo quando muitas vezes estava cansado e sobrecarregado, sem ele eu não teria chegado até aqui, o seu apoio foi crucial.

A meu irmão, Allyson, que sempre que podia me levava e pegava na universidade; a minha mãe, que sempre me incentivou a estudar, levando-me desde cedo à escola, acreditando sempre na educação.

Agradeço a minha amiga Ingrid, que a tenho como irmã, muitas vezes precisei dela e sempre esteve disponível.

Agradeço também aos meus avós maternos, que sempre foram presentes em minha vida, e sempre me ajudaram de alguma forma.

Agradeço a minha irmã Sabrina, que me incentivou e colaborou com palavras positivas na escrita deste TCC.

Agradeço à CAPES pela bolsa de um ano, que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa, sempre se preocupando em formar profissionais competentes e humanos para atuarem como docentes.

Agradeço a Josiene, minha preceptora que esteve comigo, dando-me apoio durante todas as minhas regências em Areia.

Agradeço a todos os professores que acreditaram em mim, em especial à professora Silvânia Karla com os seus conselhos e incentivos; à professora Jaqueline, que sempre foi muito ajudadora e generosa; a Jussara Bélen, por ter contribuído na minha formação e me corrigindo em amor quando necessário; ao professor Francisco, pela contribuição em minha formação, ao meu orientador Raniere Torres pela paciência e comprometimento na elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Vocês são exemplos para mim, e os levarei no coração.

Enfim, sou grata a todos que me ajudaram de alguma forma na trajetória do curso, sem vocês nada disso seria possível.